

Hipo e hipersegmentação no processo de aprendizagem da língua escrita: influências da língua oral

JESSÉ CARVALHO LEBKUCHEN¹; MARIANA WASKOW RADÜNZ²; GIOVANA FERREIRA GONÇALVES³

¹Universidade Federal de Pelotas – jesse_carvalho@live.com

²Universidade Federal de Pelotas – marianaradunz@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – giovanaferreiragoncalves@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este versa sobre os processos de hipossegmentação e de hipersegmentação na produção escrita de crianças em processo de alfabetização. O objetivo principal visa a delimitação de possíveis explicações para a ocorrência desses processos a partir da relação entre oralidade e ortografia, com a finalidade de compreender o erro como parte do desenvolvimento da aprendizagem.

Partindo do pressuposto de que a aprendizagem é composta de etapas evolutivas, Ferreiro e Teberosky (1999) explanam sobre a importância dos erros cometidos pelo aprendiz em relação à aquisição da língua escrita de língua materna. Esses acontecem principalmente pela conexão feita com a língua oral, a primeira a qual a criança convive e se familiariza, usando-a como referência. Assim sendo, o aprendiz passa por fases de construção de hipóteses no que diz respeito à escrita, incluindo sua segmentação.

Silva (1994), nesse sentido, constatou dois tipos de erros: “[...] segmentação para mais e segmentação para menos no que se refere à ortografia. [...]” (SILVA, 1994 apud PEREIRA, 2011, p. 278). Conforme Pereira (2011), o primeiro tipo, constituído por “separações além da prevista pela ortografia”, Silva denominou de hipersegmentação; o segundo tipo, “constituído por junções de duas ou mais palavras”, denominou de hipossegmentação. Para Silva, quando a criança toma decisões sobre segmentação no seu texto espontâneo, mostra sua percepção ora de aspectos constitutivos do discurso oral, ora de aspectos que caracterizam a escrita.

A explicação dada por Pereira (2011) aos equívocos realizados quanto à segmentação da escrita está relacionada à dificuldade da criança em compreender o que é uma palavra. Visto que a fala é uma continuidade de sinais acústicos e não é segmentada em elementos unitários linguísticos, é mais fácil para a criança visualizar como palavras apenas os substantivos, os verbos e os adjetivos, considerando o restante (artigos, preposições, conjunções e demais elementos de ligação) como não-palavras. Portanto, há uma tendência de que a criança escreva sem segmentações e que passe a segmentar de forma correta somente no decorrer do processo da aprendizagem, pois, pouco a pouco, ela passa a tomar consciência do uso da língua.

2. METODOLOGIA

Os dados analisados neste estudo fazem parte do Banco de Narrativas de Agudo (BANA). As narrativas desse banco são orais e escritas e foram coletadas por bolsistas da Universidade Federal de Santa Maria em uma escola rural do município de Agudo (RS). Para a coleta dos dados, foi utilizado o livro *Frog, where are you?*,

de Mayer (1969), composto somente por imagens. Os alunos eram questionados a respeito do que acontecia com o menino na história e, a partir disso, eram incentivados a produzir um texto.

Entretanto, para este estudo, foram consideradas somente as narrativas escritas de crianças do 2º, 4º e 6º anos do ensino fundamental, que estão organizadas sob forma de banco de dados no Laboratório Emergência da Linguagem Oral (LELO), da Universidade Federal de Pelotas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para fins de investigação, foram analisadas redações de 54 informantes, sendo 16 alunos do segundo ano, 22 do quarto e 16 do sexto, com idades entre 7 e 15 anos. Seis alunos do segundo ano e dois do quarto foram descartados da amostra, por impossibilidade de compreensão de suas produções escritas. Assim, foram investigados os textos produzidos por 46 estudantes.

A partir da análise dos dados, verificou-se que, nas três etapas pesquisadas, o número de casos de hiposegmentação é maior do que o de hipersegmentação, como é possível constatar no Gráfico 1.

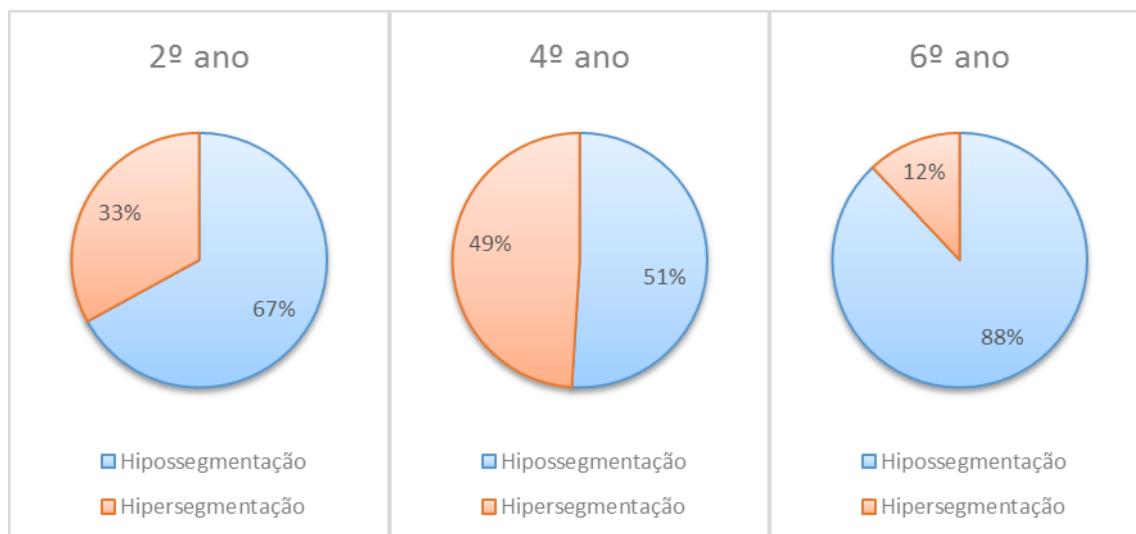


Gráfico 1: Porcentagem de casos de hipo e hipersegmentação no 2º, 4º e 6º ano

No 2º ano, foram encontradas 41 ocorrências de hipo e 20 de hipersegmentação; já no 4º ano, foram 40 de junção e 38 de separação de palavras ortográficas. Por fim, no 6º ano, há uma discrepância maior entre os números, sendo 43 casos de hipo e 6 de hipersegmentação.

De acordo com o Gráfico 2, é possível identificar que os casos de hiposegmentação têm números similares nas três etapas pesquisadas, enquanto os de hipersegmentação são muito mais utilizados pelo 4º e 2º anos, respectivamente, e quase não são encontrados na turma do 6º ano. Ainda, pode-se perceber que a frequência dos dois fenômenos na mesma produção é maior nas turmas de 2º e 4º anos, enquanto no 6º é mais frequente apenas o uso de hiposegmentação.

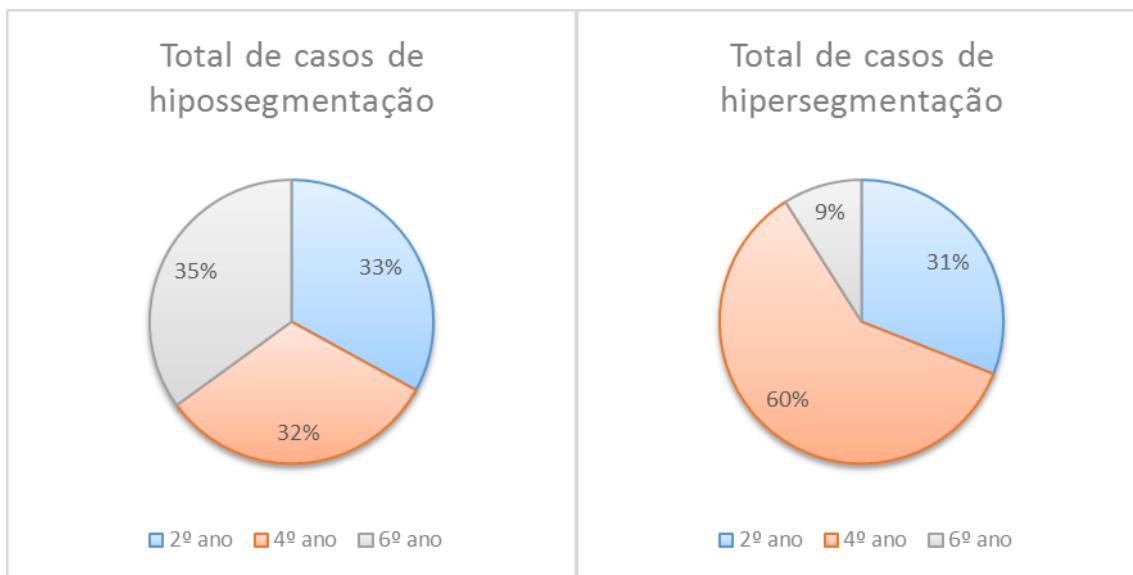


Gráfico 2: Porcentagem total de casos de hipo e hipersegmentação

Por fim, é necessário apontar que no 2º ano um aluno sozinho apresentou 21 casos de hiposegmentação, no 4º ano, um estudante apresentou 11 casos de hipo e 12 de hipersegmentação, e no 6º ano houve um aluno com 12 ocorrências de junção de palavras ortográficas; ou seja, os dados indicam a necessidade de tratamento estatístico para evitar efeitos individuais na consideração dos resultados.

Após a análise quantitativa, verificou-se as principais palavras que sofreram processos de hipo e hipersegmentação nas três séries investigadas.

A seguir, encontram-se, então, alguns exemplos das principais palavras hiposegmentadas pelos alunos nos três anos analisados: *eo* (*e o*), *asabelhas* (*as abelhas*), *omenino* (*o menino*), *ocachorro* (*o cachorro*), *osapo* (*o sapo*), *encima* (*em cima*), *denovo* (*de novo*), *derekente* (*de repente*), *prabaixo* (*pra baixo*), *chamálo* (*chamá-lo*), *siescondeu* (*se escondeu*), *semachucou* (*se machucou*), *despediuse* (*despediu-se*) e *ceescorou* (*se escorou*).

Ferreiro e Teberosky (1999) afirmam que,

[...] no início do processo de aquisição da escrita, conjuntos de uma ou duas letras são difíceis de serem reconhecidos pelo aprendiz, por isso, na maioria das vezes, o aluno junta essas letras à palavra seguinte fazendo uma hiposegmentação. As classes gramaticais como a conjunção “e”, os artigos, os pronomes e as preposições (monossílabos átonos) são as mais afetadas por esse fenômeno (FERREIRO E TEBEROSKY, 1999 apud PEREIRA, 2011, p. 280).

Essa proposição de Ferreiro e Teberosky (1999) é confirmada a partir dos dados coletados, visto que grande parte das palavras hiposegmentadas pelos alunos se referem à junção de artigos e preposições a palavras fonológicas. Além disso, no exemplo *siscondeu*, há uma ressilabação vocalica, definida por Bisol (1992, 1996, 2000) como degeminação, que ocorre com freqüência nas produções do português brasileiro (BISOL, 1992, 1996, 2000 apud CUNHA; MIRANDA, 2009, p. 136). Exemplos de junção de palavra fonológica mais palavra gramatical também são encontrados, como é o caso de *chamálo* e *despediuse*, em que um verbo é unido a um pronome em posição enclítica.

A seguir, estão dispostos alguns exemplos das principais palavras hipersegmentadas verificadas nas redações: *e le* (ele), *a cordou* (acordou), *a tras* (atrás), *a li* (ali), *o lhar* (olhar), *dor mir* (dormir), *da qui* (daqui), *da quele* (daquele), *com segia* (conseguia), *de pois* (depois), *em quanto* (enquanto), *em xame* (enxame) e *em baixo* (embaixo).

Pereira (2011) levanta algumas hipóteses sobre o processo de hipersegmentação:

A criança pode ter descoberto que o artigo se escreve separado dos outros vocábulos e então generaliza esta descoberta para todas as palavras que começam por *a* ou *o*. [...] Também podemos levantar a hipótese de que o artigo já deve estar interiorizado como uma palavra, pois logo cedo a criança aprende, através dos textos com os quais entra em contato, que a menina, a bola, a casa, o menino, o gato, se escrevem separados (PEREIRA, 2011, p. 283) [grifo do autor].

Isso pode ser verificado por meio dos dados, pois a maioria das hipersegmentações aqui apresentadas referem-se à separação dos artigos “*o*” ou “*a*” quando dispostos no início da palavra, como por exemplo: *a cordou*, *o lando*, *a tras*, *a proveito* e *o lou*. Além disso, Pereira (2011) levanta ainda a hipótese de que algumas construções são influenciadas por analogia ao modelo convencional já visto pelas crianças, em que as unidades *de*, *mais*, *com* e *em* aparecem isoladas na escrita. Este é o exemplo de construções como *em tao*, *com segia*, *da quele*, *de pois*, *em quanto*, retirados dos textos analisados neste trabalho.

4. CONCLUSÕES

Com este trabalho, foi possível constatar que a criança passa por uma série de etapas até atingir o domínio da língua escrita, mostrando-se um sujeito ativo na linguagem. Foi verificado que o processo de hipossegmentação é realizado pela maioria dos informantes analisados, permanecendo como o processo predominante relativo à segmentação das palavras nos dados do 6º ano; já o de hipersegmentação diminui no decorrer das séries, sendo recorrente no 2º e 4º anos e aparecendo com menor frequência no 6º. Assim, com maior tempo de aprendizagem, foi diminuindo a frequência de separação equivocada de palavras ortográficas apenas no que concerne a casos de hipersegmentação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, Ana Paula; MIRANDA, Ana Ruth. A influência da hierarquia prosódica em hipossegmentações da escrita de crianças de séries iniciais. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. Edição especial n. 1, p. 1-19, 2007.

CUNHA, Ana Paula; MIRANDA, Ana Ruth. A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita: a influência da prosódia. **Alfa**, São Paulo, v.53, n.1, p.127-148, 2009.

MAYER, Mercer. **Frog, where are you?** New York: Dial Press, 1969.

PEREIRA, Tânia Maria. A segmentação no processo de aquisição da linguagem escrita. **Veredas On Line – Atemática**, Juiz de Fora, v. 1/2011. p. 273-288.